

S. João em Évora andando de carrocel com a Ana Rita. Pelo seu sorriso e olhar a menina avisou-me que a combinação dos sons é uma constelação de formas que representam com exactidão o colorido que descreve um voo baixo e razante de pardais telhado que na planície despida recriam a memória das savanas infundas - animais homens e outros reinos. E o que nos conta e encanta no tema "Pastor". Os seus objectos de discussão traduzem saberes ocultos do quotidiano. Essas construções, lisas ou rugosas traçam realidades de confluência entre tempos, revelando totalidades aquisitivas. Ao sabor dos ventos são viajantes que despertam. Esses pescadores peregrinos, seguram búzios e flores nas mãos, em oferta aos divinos espíritos e alimentam todas as janelas que se abrem para o sonho.

Em suma, a plasticidade musical de José Mucavele em *Compassos* manifestam uma tendência estilística de transformação polivalente (uma expressão sugere outra) e conceptual na contextualização formal dos sons, na recriação do ambiente social, na fundamentação da ideia e na linguagem empregue. Nesta perspectiva torna-se importante questionar o conceito de arte africana e as etno-distinções ocidentais. Mantém toda a actualidade a propositura de Hegel ao afirmar que "o fim das formas de arte gerais era atingir a verdade absoluta". Onde deve procurar-se o motivo da sua particularização é na concepção precisa e definida daquilo que para a consciência constitua o Absoluto. A lealdade para com esta linha requer a pesquisa de princípios antológicos, a intensificação da reflexão crítica para elevar os fundamentos conceptuais da actividade artística em Moçambique, passando para escalas superiores de espiritualidade. Porque a arte é minimalista e cada objectivação repeticionista, está carregada de expressões e referências, que nos transportam ao porto dos conteúdos, reencarnado na árvore que se robustece a sopros do Índico mar. Depois de Fanny Mpfumo, Mucavele é sem dúvida o grande músico da sua geração em Moçambique ●

Da Natureza à Natureza dos Lugares

Susana Piteira

José Forjaz, arquitecto com formação académica profundamente ocidental, desenvolveu a sua carreira profissional sobretudo na África subsariana. Neste contexto, de profundos contrastes e paradoxos, amadureceu a ideia do desenho, objectivou a função da arquitectura, analisando finalmente os processos possíveis da produção da sua arquitectura e as questões ambientais que a envolvem.

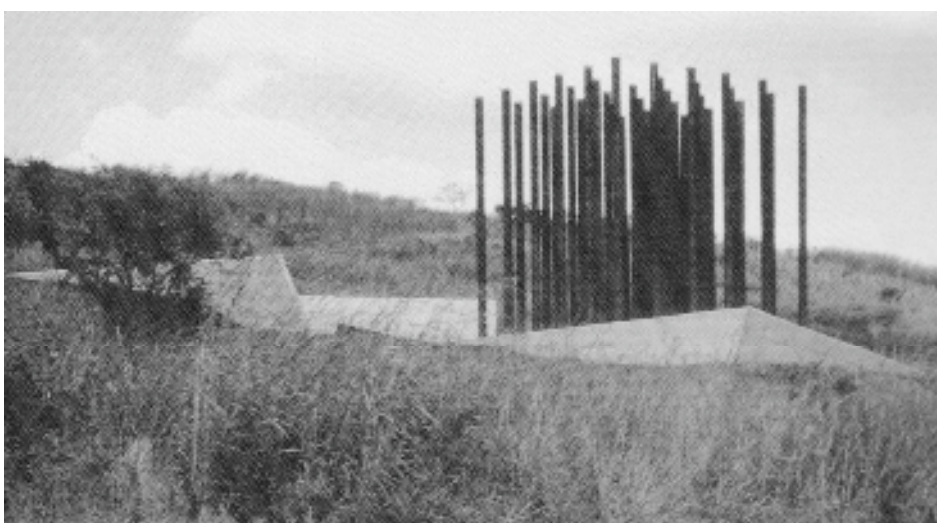
O percurso profissional deste arquitecto reflecte uma intransigente conduta ética, invejável diga-se, cada vez mais nos nossos dias. Porquê? Porque sabemos, embora não seja politicamente correcto afirmá-lo, que mais do que nunca atravessamos um período de arrogância, todavia *modernista*, em que a arquitectura se impõe pela sua via estética e autoral. A ordenação do território que conduz actualmente à concentração da maior parte da população mundial nos chamados centros urbanos, não é alheia ao poder de formatação que esta arquitectura, entendida como *globalizante* (internacional), tem obrigado a cumprir.

Em nome da vida moderna assiste-se à imposição de modelos normativos que nivelam e tipificam a vida de qualquer cidadão em qualquer parte do mundo. Chamamos

a isto democracia !? Tendemos a classificar esta visão do problema como tal.

No entanto, vivemos numa sociedade (global?) de pensamento único. Quem procura ver que os territórios não são natural e socialmente distintos? Poucos de nós. Numa histeria de *progresso*, material e muitas vezes pessoal, ignoramos que os países, as suas cidades e respectivas sociedades não são todas iguais. Continuamos a desenhar de acordo com o nosso gosto e interesse, sem ter em conta que outras sociedades (e são infelizmente a maior parte no mundo, muitas vezes carenciadas dos bens mínimos) têm necessidades distintas das nossas, sendo também que as questões de ordem natural, como as do clima, se resolvem com o recurso às sofisticadas, dispendiosas e poluentes tecnologias de que dispomos hoje.

Vários conceitos são então confundidos e aplicados equívocamente. O conceito de urbano confunde-se com o de cidade; o de tradição com o *pastiche* formal; o de modernidade com a imposição de padrões inadaptáveis às circunstâncias reais de muitos povos. Ignoram-se, igualmente, as condições e os processos de produção da obra, o que muito contribui para o insucesso final da mesma.



José Forjaz, "Samora Machel Memorial", Mbuluzini Mpumalanga, África do Sul, 1998.